

Bárbara Oliveira Santos

“Ela não quer ser minha amiga”

**- O conceito de amizade nas crianças em idade
pré-escolar -**



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Escola Superior de Educação e Comunicação

2021

Bárbara Oliveira Santos

“Ela não quer ser minha amiga”

**- O conceito de amizade nas crianças em idade
Pré-escolar -**

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar para a obtenção do
grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

Trabalho orientado pela Professora Doutora Maria Helena Venâncio Martins



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Escola Superior de Educação e Comunicação

2021

Declaração de autoria de trabalho:

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam na listagem de referências incluída.

Bárbara Oliveira Santos

© Copyright: Bárbara Oliveira Santos. Universidade do Algarve

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Dedicatória

Aos meus pais e irmã, obrigada por tudo!

Agradecimentos

Com este trabalho académico termino mais uma etapa da minha vida e que jamais seria possível sem o apoio, amizade, carinho, incentivo e amor de todos aqueles que estiveram presentes nesta caminhada. A todos eles devo os meus mais sinceros agradecimentos.

Primeiramente, um agradecimento muito especial à minha orientadora deste projeto, à professora Maria Helena Martins que esteve sempre disponível e que sempre me ajudou com todas as ferramentas para conseguir executar este trabalho.

À professora Patrícia Beira Grande que sempre soube dizer as palavras certas na hora certa, pelos conselhos e por defender tão bem a nossa profissão.

Às crianças que me receberam da melhor forma e que mesmo com a situação pandémica que atravessámos sempre me fizeram sentir confortável e feliz.

À educadora cooperante que, embora tenha passado muito pouco tempo com ela, me recebeu como elemento da instituição e me deixou sempre muito à vontade para todos os esclarecimentos.

A todas as educadoras cooperantes, auxiliares e grupos de crianças por onde passei desde a licenciatura até ao mestrado, pois, ajudaram-me a ser a pessoa e profissional que sou hoje. Um agradecimento muito especial à Cláudia Pereira e ao grupo maravilhoso dela.

A todas as minhas colegas de turma. Às minhas duas parceiras de curso, Adriana e Filipa, sem elas não teria sido o mesmo. Obrigada pelo apoio, pela amizade e por todos os momentos vividos pelo trio maravilha.

A toda a minha família, por todo o incentivo, apoio e preocupação comigo ao longo desta longa caminhada.

À minha irmã, a minha melhor amiga e a quem me mostrou logo desde muito cedo que este seria o meu caminho, um obrigada pelo amor que existe entre nós.

Aos meus pais, por serem imparáveis e sempre presentes em todas as fases da minha vida. Obrigada por tornarem isto possível e por confiarem e acreditarem que eu seria capaz de chegar aqui.

Um muito obrigada a todos!

Resumo

O presente relatório de investigação intitulado de “Ela não quer ser minha amiga” - O conceito de amizade nas crianças em idade pré-escolar, foi desenvolvido no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação e Comunicação, da Universidade do Algarve, no ano letivo 2020/2021. O processo investigativo sucedeu numa sala de Jardim de Infância de uma instituição particular, no distrito de Faro.

Sendo que a amizade representa o afeto, o carinho, a segurança, a confiança e o respeito pelo outro e que esta é fundamental para o ser humano, uma vez que contribui para o seu bem-estar e desenvolvimento harmonioso da sua identidade, pretendeu-se, com a presente investigação analisar as relações de amizade em crianças em idade pré-escolar. Desta forma, objetivou-se investigar a compreensão do conceito de amizade. Foi realizado um estudo exploratório, descritivo e com *design* transversal, com uma amostra de 17 crianças ($N = 17$), com idades compreendidas entre os três e quatro anos ($M = 3,18$; $DP = ,393$).

A metodologia utilizada no presente relatório é de investigação-ação, sendo uma metodologia de âmbito qualitativa e quantitativa, inserindo-se no paradigma interpretativo.

Realizaram-se questionários que foram aplicados às crianças, via *online* ou presenciais, como forma de dar resposta aos objetivos definidos para o estudo. Foi ainda efetuado um teste sociométrico, utilizadas notas de campo, a observação participante e fotografias, como procedimentos para recolha e análise dos dados.

A partir dos dados obtidos, através da sua análise, é possível concluir que os resultados demonstram um maior grau de respostas positivas no que diz respeito à existência de um amigo especial, e por outro lado, o grupo de crianças revela ainda alguma dificuldade na definição do conceito da amizade, sugerindo-se a necessidade de se continuar a trabalhar nesta área com as crianças.

Palavras-chave: Amizade; Identidade; Relações entre crianças; Família; Papel do educador; Educação Pré-escolar.

Abstract

This research report entitled "She does not want to be my friend" - The concept of friendship in preschool children was developed within the curricular unit of Supervised Teaching Practice of the Master's degree in Pre-School Education of the Higher School of Education and Communication, University of Algarve, in the school year 2020/2021. The investigative process took place in a kindergarten room of a private institution in the Faro district.

Since friendship represents affection, affection, security, trust and respect for the other and that this is fundamental for the human being, since it contributes to their well-being and harmonious development of their identity, it was intended, with this research to analyze the relationships of friendship in preschool children. Thus, the aim of this study was to investigate the understanding of the concept of friendship. An exploratory, descriptive and cross-sectional study was conducted, with a sample of 17 children ($N = 17$), aged between three and four years ($M = 3.18$; $SD = .393$).

The methodology used in this report is action research, being a qualitative methodology, inserting itself in the interpretative paradigm. Questionnaires were performed that were applied to children, online or in person, as a way to respond to the objectives defined for the study. A sociometric test was also performed, field notes, participant observation, and photographs were used as procedures for data collection and analysis.

From the data obtained, through their analysis, it is possible to conclude that the results demonstrate a higher degree of positive responses regarding the existence of a special friend, and on the other hand, the group of children also reveals some difficulty in defining the concept of friendship, suggesting the need to continue working in this area with children.

Keywords: Friendship; Identity; Relationships Between children; Family; Role of the educator; Pre-school education.

Índice Geral

Dedicatória	i
Agradecimentos	ii
Resumo.....	iv
Abstract	v
Índice de Tabelas.....	vii
Índice de Figuras	viii
Índice de Apêndices	ix
Introdução.....	1
Capítulo I- Enquadramento conceptual	3
1.1 O papel do/a Educador/a para as relações sociais das crianças.....	3
1.2 As relações entre crianças	5
1.3 Conceito de Identidade.....	8
1.4 O conceito de Amizade	9
Capítulo II- Metodologia	15
2.1 Natureza e tipo do estudo.....	15
2.2 Questões orientadoras do estudo	17
2.3 Objetivos do estudo.....	17
2.4 Sujeitos do estudo - Amostra	18
2.5 Procedimentos metodológicos.....	18
2.5.1 Delineamento do estudo.....	18
2.5.2 Instrumentos	19
2.5.3 Procedimentos para a análise e tratamento de dados.....	21
Capítulo III- Apresentação dos resultados	22
Capítulo IV- Análise e discussão dos resultados	34
Conclusões e reflexões finais	38
Referências Bibliográficas	42
Apêndices	45

Índice de Tabelas

Tabela 3.1- o que é a amizade?.....	23
Tabela 3.2- o que é para ti ser amigo?.....	25
Tabela 3.3- Tens algum amigo/a especial?.....	26
Tabela 3.4- Quem são os teus amigos/as? São do JI ou de fora?.....	29
Tabela 3.5- Tens alguém que não seja teu amigo/a? Porquê?.....	33

Índice de Figuras

Figura 3.1- Rede de escolhas relativas ao amigo(s) especial(ais)28

Figura 3.2- Rede de escolhas relativas a quem são os amigos, do JI ou de fora..31

Índice de Apêndices

Apêndice A- Estrutura do questionário.....	46
Apêndice B- Consentimento Informado aos Enc. Educação.....	49
Apêndice C- Grelhas de análise com as respostas das crianças.....	52

Introdução

O presente relatório foi realizado no decorrer do Mestrado em Educação Pré-Escolar na Escola Superior de Educação e Comunicação, na Universidade do Algarve. Pretendeu-se, como objetivo geral analisar as relações de amizade nas crianças em idade Pré-escolar. Especificamente, pretendeu-se analisar e avaliar como se desenvolvem as relações de amizade em crianças em idade Pré-escolar, procurando investigar a sua compreensão do conceito de amizade.

O interesse e a justificativa para a realização da temática da presente investigação advêm da prática de ensino supervisionada que se desenvolveu, nomeadamente do funcionamento do grupo, ou seja, foi através de algumas questões levantadas pelo grupo relativamente à falta de vontade para brincar com algumas crianças e às dificuldades em desenvolver relações de amizade entre algumas das crianças, que surgiu a necessidade de explorar este tema. Como tal, esta investigação procura guiar-se segundo duas grandes questões orientadoras: “As crianças em idade pré-escolar sabem o que é a amizade?” e “As crianças selecionam os seus amigos tendo em consideração as amizades do jardim-de-infância?”, segundo uma metodologia mista.

A amizade em crianças em idade pré-escolar revela papéis importantes em todas as etapas do desenvolvimento infantil, nomeadamente no desenvolvimento cognitivo, social e emocional (Garcia, 2005). Nesta etapa de desenvolvimento social da criança, o jardim-de-infância é, sem dúvida, o espaço socializador mais eficaz porque é neste contexto que a criança passa a maior parte do seu dia e tem hipótese de conviver com as outras crianças. Os amigos são vitais para o desenvolvimento saudável das crianças em idade escolar. A pesquisa na área documenta que as amizades ajudam as crianças a se desenvolverem emocional e moralmente. Ao interagir com os amigos, as crianças aprendem muitas habilidades sociais, a comunicar, a cooperar e a resolver problemas. Elas praticam o controlo das suas emoções e a responder às emoções dos outros. Através das amizades as crianças desenvolvem a capacidade de pensar e negociar diferentes situações que surgem nos seus relacionamentos. Ter amigos afeta até mesmo o desempenho escolar das crianças. Crianças tendem a ter melhores atitudes sobre a escola e aprendizagem quando têm amigos (Fabes & Martin, 2001).

Efetivamente, no dia-a-dia relacionamo-nos com outras pessoas, vivemos em sociedade e a amizade tem sido conceptualizada como algo benéfico e positivo na vida das pessoas, uma vez que está associada a um desenvolvimento saudável dos indivíduos. Para Hartup e Stevens (1999, citados por Martins 2016, pp. 5-6), as pessoas com amigos demonstram, por norma, maior bem-estar do que as pessoas sem amigos, sendo que este efeito é transversal a todas as idades, desde crianças a idosos. Estes autores referem ainda que pessoas sem amigos procuram mais vezes atendimento clínico para problemas emocionais e comportamentais e que os jovens adultos que na fase de criança tiveram amigos, apresentam uma maior autoestima.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar a amizade e as relações entre crianças assentam na área de formação pessoal e social, na medida em que esta desenvolve a identidade única. Assim, “é nos contextos sociais em que vive, nas relações e interações com outros e com o meio que a criança vai construindo referências” (OCEPE, 2016, p.33), como por exemplo as referências como o respeito pelo outro, a autonomia, o compreender o certo e o errado, o que pode ou não fazer, os seus deveres e direitos. A educação pré-escolar desempenha um papel fundamental para transmitir estes valores às crianças de uma forma interativa e conjunta com os outros.

O presente projeto de investigação é composto por cinco partes, sendo o capítulo I, referente ao enquadramento teórico, onde se apresenta uma primeira abordagem sobre a vinculação e desenvolvimento da criança desde a gravidez, a ligação entre a amizade e o desenvolvimento sócio afetivo da criança e seguidamente, a amizade no Jardim de Infância, referenciando o papel do/a educador/a e da família na temática

O capítulo II refere-se à metodologia, onde se apresenta a natureza do estudo, as questões e objetivos da investigação e identificam-se os participantes, os procedimentos éticos e metodológicos. O capítulo III diz respeito à intervenção educativa, ou seja, a descrição das estratégias implementadas para a exploração da amizade. O capítulo IV é referente à análise e discussão das estratégias. Por último são apresentadas as conclusões finais, as limitações do presente estudo e perspetivas futuras de investigação.

Capítulo I- Enquadramento conceptual

1.1 O papel do/a Educador/a para as relações sociais das crianças

Para iniciar o enquadramento conceptual deste relatório é importante começar por definir as funções de alguém que desempenha um papel fundamental na educação e desenvolvimento das crianças em idade pré-escolar. Efetivamente, é o(a) educador(a), de infância que, atendendo às suas funções, passa grande parte das horas do dia com as crianças, estabelece uma rotina com as mesmas e, tem como objetivo proporcionar-lhes as melhores aprendizagens para o seu desenvolvimento. Como tal, este acaba por funcionar como um exemplo para as mesmas, pois, segundo Post e Hohmann (2011), quando as crianças passam tempo com educadores, que os protegem e respeitam, estas tornam-se capazes de confiar no outro e nelas próprias. Para estes autores as “relações sociais precoces influenciam o modo como no futuro irão abordar as pessoas. Por exemplo, bebés e crianças que são bem tratados vêem-se a si próprios e aos outros como ‘merecedores de amizade’” (Post & Hohmann, 2011, p. 40)

É importante que o educador estabeleça relações de confiança com as crianças e que seja alguém disponível para ouvir e aceitar os gostos e vontades das mesmas, pois a partir daí o respeito pelo próximo será promovido. Segundo as OCEPE (2016) a “relação que o/a educador/a estabelece com as crianças e o modo como incentiva a sua participação facilita as relações entre as crianças do grupo e a cooperação entre elas.” (Silva et al., 2016, p. 26).

Segundo Oliveira-Formosinho, et al. (2005, citados por Rodrigues, 2015, p. 30):

Nem todas as crianças agem da mesma forma: algumas não têm experiência de interações e por isso não sabem como agir, outras já têm capacidade sociais mas não se sentem confiantes para as colocar em prática, outras ainda estão bastante apegadas aos adultos e recorrem a estes na maior parte dos casos em que se deparam com outras crianças, outras também não estão aptas para se expressarem, outras por fim não sabem como explicar os seus desejos.

Assim sendo, cabe ao educador amenizar esta situação, apresentando soluções para promover a socialização e interação entre as crianças, estando sempre atento a possíveis dificuldades das mesmas, de forma a ajudar a que estas as consigam superar. Muitas crianças são tímidas e retraídas, algo que as impede de estabelecer facilmente relações sociais com as outras crianças, pelo que neste contexto, mais uma vez é de extrema importância o papel do educador como promotor destas relações.

Importa assinalar que, as crianças são todas diferentes e apresentam características distintas, sendo que é no jardim-de-infância e, é através das relações sociais que elas constroem a sua identidade social. Para Rodrigues (2015, p. 31) “a personalidade da criança tem bastante influência na forma como ela se dá aos outros quando interagem”, ou seja, quanto mais empática, social, meiga e disposta a ajudar a criança for, mais facilmente terá a mesma resposta das outras crianças para com ela. Ao contrário, acontece exatamente o mesmo, se a criança for rude e antipática as respostas serão as mesmas. Assim, o ideal é que o educador ajude as crianças menos empáticas a criarem elos de ligação e de amizade com os amigos para que não se torne, posteriormente, rejeitada e colocada de parte pelas outras crianças.

Para Oliveira-Formosinho et al. (2005, citados por Rodrigues, 2015) “(...) estes padrões de comportamento não são planeados, estão interiorizados e são expostos automaticamente, como um ato inconsciente, e torna-se difícil alterá-los.”. Neste sentido, o educador deve, com calma, conversar e mostrar à criança que as atitudes menos positivas que tem com os seus amigos não são as mais corretas e mostrar a importância e o valor de ter amigos. Desta forma, ajudará a criança a melhorar as suas atitudes perante os outros e a sentir-se mais acolhida e amada.

No jardim-de-infância, o educador deve também promover a igualdade e o respeito pelo outro, como por exemplo as diferentes culturas. Normalmente, na mesma sala existem diferentes culturas e automaticamente diferentes hábitos, pelo que é importante que o educador converse com o seu grupo e demonstre não só que elas devem ter respeito pela diversidade como promover também a valorização e aceitação destas diferenças, tendo por base o conceito de que a amizade abrange muito mais do que a mesma cultura e os mesmos gostos. É importante ainda que este mostre às crianças que a diferença é uma virtude, como tal, a observação é fundamental para este processo, isto porque é através da observação dos comportamentos das crianças que o educador consegue perceber quais os interesses das crianças e encorajá-las a explorar e descobrir mais.

1.2 As relações entre crianças

Segundo Ladd e Coleman (2002, citados por Rodrigues, 2015, p.15), para que exista uma amizade é necessário que antes tenham ocorrido interações entre as crianças, de forma a darem-se a conhecer umas às outras, para que possam estabelecer uma ligação que eventualmente conduza a uma amizade, ou simplesmente quebrar essa ligação por não haver compatibilidade, ou devido a qualquer outro motivo. Existem várias características que podem influenciar a criança na seleção dos seus amigos, entre elas, o género ou a idade; mas, em contrapartida isto não quer dizer que escolham amigos com exatamente as mesmas características que eles próprios.

Para Furman (1982, citado por Rodrigues, 2015, p. 15), o que mais importa numa amizade são os interesses e as características mais relevantes para o par. Para as crianças até aos três anos, o interesse pelo mesmo objeto poderia ser a origem de uma interação frequente, e posteriormente, uma possível amizade. Isto quer dizer que, embora as crianças sejam atraídas para escolher amigos com as mesmas semelhanças que eles, não quer dizer que isso os leve a serem os melhores amigos, até porque é natural que as crianças também não sintam empatia por todas as crianças. Neste sentido, é importante que se estimule o conhecimento das atitudes, comportamentos e características das crianças para que elas se conheçam entre si e consigam tomar decisões e fazer as suas escolhas.

Brownell (1986), Eckerman e Whitehead (1999, citados por Azeres & Colaço, 2014, p.112) descrevem que, desde muito cedo, os bebés interagem uns com os outros através de sorrisos, gestos e vocalizações. Isto quer dizer que, para as crianças a interação passa pela coordenação da atenção com a outra pessoa, sendo que para Couto (2018, p. 17) em crianças pequenas surge de forma intrínseca no uso de gestos para comunicar, no sorriso e na regulação do olhar.

Como referem Hay et al. (2004, citados por Couto, 2018), a participação na interação com os pares é fundamental, sendo a base de outras conquistas tanto a nível social como cognitivo inerentes à própria autorregulação das emoções da criança que a ajudarão a aplicar e sustentar interações sociais com diferentes parceiros (p. 27) ou seja, esta é a fase em que as crianças se encontram em desenvolvimento no que diz respeito à interação, portanto é a fase para criar amizades e empatia por outras crianças.

Tal como já referido anteriormente, é importante que os educadores tenham sempre em atenção as diferenças e especificidades de cada criança; desta forma para além de desenvolverem competências ao nível da formação pessoal e social, que não se desenvolve de forma isolada, por isso desenvolvem igualmente competências cognitivas, físicas e linguísticas, tornando as interações progressivamente mais complexas.

De acordo com Schaffer (1996, citado por Azeres & Colaço, 2014, p. 113), entende-se por interação o comportamento dos indivíduos que participam numa atividade conjunta, podendo esta ser uma conversa, um jogo, um conflito ou qualquer atividade que implique o comportamento de ambos os participantes. É então nesta fase que a autorregulação dos gestos e do olhar são o ponto fulcral, sendo que crianças com estas idades desenvolvem empatia através de comportamentos simples. Para Oliveira (1999), pares ou colegas representam o mesmo significado. Neste sentido, ambos representam um nível de amizade mais próximo e em níveis de desenvolvimento iguais.

Para Campos (1990, citado por Nunes 2017, p. 39) “As relações interpessoais proporcionam às crianças respostas às suas necessidades, como a necessidade de inclusão, o que implica uma alteração nos indivíduos em vários domínios sendo que essa alteração pode ocorrer no domínio do conhecimento, do sentimento ou do comportamento”. Aqui entra o conceito de amizade como paralelo à aceitação da diferença pelo outro.

Fachada (1998) defende que quanto maior for o grupo de crianças mais dificilmente será a interação entre eles, ou seja, o grau de satisfação de amizade diminui à medida que o grupo vai aumentando. Para este autor, o ideal é um grupo de dois elementos, onde existe cooperação e confiança. Quanto maior o grupo, assim as crianças terão “menos probabilidade de se expressarem e de apresentarem os seus pontos de vista” (Fachada, 1998, p. 148).

A forma como cada criança se apresenta no mundo é diferente e única, portanto cada uma delas apresenta as suas características na forma de comunicar com os outros. Esta interação permite que a criança aprenda a pertencer a um grupo e a aceitar o outro, o que contribui bastante para o seu desenvolvimento pessoal. Para Ladd e Coleman (2002, citados por Nunes, 2017, p. 40) “(...) essa escolha de pares também está relacionada com as crianças que se aproximam de si, pela sua forma de estar com os outros e pelas preferências ao nível de brincadeiras”.

Hohmann e Weikart (2011, citados por Nunes, 2017) defendem que as interações que a criança estabelece com outras crianças são também um meio para a compreensão e

construção da sua identidade, porque o desenvolvimento da identidade pessoal vai progredindo ao longo da sequência e interações que esta vai experienciando, e desta forma vai influenciar a forma como se vê a si própria e aos outros (Nunes, 2017, p. 40)

O jardim-de-infância é, assim, um local promotor para estas relações sociais fora do contexto familiar, sendo dessa forma, a interação é como uma regra. Tendo em atenção que numa sala de jardim-de-infância a quantidade de adultos para corresponder a todas as interações das crianças é impossível, as interações que aí se desenvolvem acabam por ser maioritariamente entre as crianças. Assim, ela consegue escolher o seu grupo de pares segundo a segurança e a motivação que estes elementos lhe transmitem, porém, a aceitação tem de ser recíproca entre elementos (Mota, 2013, citado por Nunes, 2017, p. 41).

Para Lima (2014, citado por Nunes, 2017, p.41) “A personalidade da criança constrói-se tendo em conta as interações que esta mantém com o outro e com o meio envolvente assim como pelas suas vivências. Assim, as experiências vivenciadas pela criança influenciam as interações que esta vai ter com o outro”, a criança vai-se desenvolvendo à medida que vai aumentando as suas interações com os outros, melhorando as suas atitudes, comportamentos e valores. Desta forma, influenciam o seu desenvolvimento emocional e, conseqüentemente, a sua capacidade para aprender.

As crianças acabam por ser parceiros que se desenvolvem mutuamente, através da imitação e da transmissão de conhecimento uns aos outros, o que os ajuda a compreender melhor o mundo à sua volta. Assim sendo, estas relações que as crianças estabelecem com os seus pares ajudam-nas a adquirir aprendizagens sociais que são fundamentais para o seu processo de sociabilização (Zabalza, 1987, citado por Nunes, 2017, p. 42).

Importa ainda referenciar que a criança necessita de sentir confiança com os que a rodeiam. Assinale-se que essa confiança vai-se construindo desde o momento do nascimento, momento esse em que a criança depende dos cuidados dos pais ou de outros responsáveis (Rosa, 2014, p.7).

Para Rosa (2014), o adulto tem aqui um papel fulcral. Este deve, tal como já referido anteriormente, encorajar as crianças a cooperarem umas com as outras na resolução de problemas de modo a construírem uma relação de confiança umas com as outras, o que irá resultar numa relação de apoio entre as mesmas.

1.3 Conceito de Identidade

É certo que todos nós somos únicos, não existe ninguém com o mesmo rosto, com a mesma forma de comunicar, com as mesmas características. Segundo Borges (2007) “Todos temos algo que nos distingue dos outros e que ao mesmo tempo nos aproxima pela forma a que nos sintamos parte de um grupo de uma sociedade. Todos nós em momentos determinados da nossa vida nos interrogamos sobre quem somos.” (Borges, 2007, p. 91).

Tendo como referencial esta afirmação, quer dizer que a identidade é algo pessoal. É o que torna o ser humano único, diferente e especial na sociedade. A forma como se veste, a família, a casa, a nacionalidade, o género - feminino ou masculino -, os documentos, tudo isto é pessoal, é a identidade. O género é também algo que nos define e algo que tem um papel muito importante na construção da nossa identidade. Convencionalmente, não é por acaso que logo desde o nosso nascimento nos começam a vestir de acordo com as cores ditas – normais - para menino e menina, ou seja o azul para menino e o rosa para menina.

Assim sendo, para Cardona et al. (2015, p. 10) podemos afirmar que o género, para além de ser um fator biológico, é também um fator social e cultural (...), isto porque as pessoas reagem de forma diferente com as crianças consoante o seu género. Segundo a psicóloga Jeanne Block, citada pelos autores Cardona et al. (2015, p. 10):

Acredita-se que os brinquedos oferecidos às meninas (conjuntos de painéis e tachos, bonecas e bonecos, eletrodomésticos em miniatura, estojos de cabeleireira, kits de maquilhagem, etc.), uma vez que têm uma finalidade habitualmente prevista, fomentam nelas uma menor criatividade do que os brinquedos oferecidos aos rapazes (pistas de carros, legos, construções, bolas, transportes em miniatura, etc.). os segundos, pelo facto de não terem uma utilidade tao pré-definida, tendem a ser mais fomentadores da criatividade e inclusive de uma maior ocupação do espaço circundante. Esta desigualdade na estimulação cognitiva despoletada pelos brinquedos poderá refletir-se, mais tarde, de forma diferente em ambos os sexos,

em aspetos tao diversos como a capacidade de resolução de problemas, a apetência para enfrentar desafios, a autoconfiança para a exploração autónoma do espaço, etc.

De acordo com esta afirmação, é importante refletir sobre a forma como o educador pode influenciar o desenvolvimento da identidade das crianças. Assim, é de extrema importância permitir que estas explorem todas as brincadeiras sem constrangimentos. Maioritariamente, as atividades que normalmente são associadas às meninas remetem para o futuro estereotipado das mulheres, ou seja, donas de casa, a tomar conta dos filhos ou com trabalhos frágeis e sem grande porte. Em contrapartida, os meninos brincam com coisas de lazer, diversão. É certo que o processo de construção da identidade do ser humano é um processo longo, decorrendo ao longo de toda a sua vida, a partir do seu nascimento até à sua morte, mas importa refletir sobre a importância deste desenvolvimento precoce.

Segundo as OCEPE (2016) “A construção da identidade passa pelo reconhecimento das características individuais e pela compreensão das capacidades e dificuldades próprias de cada um, quaisquer que estas sejam” (Silva et al., 2016, p. 34). Isto quer dizer que é na fase da educação de infância que encontramos todas as bases para a construção desta identidade, através do contacto e das relações sociais entre crianças.

Para Ferreira (2004, p. 194) “Estes núcleos sociais que proporcionam aos seus membros um sentido para a sua identidade, o estímulo necessário à reiteração de ações comuns pela projeção de interesses futuros e maiores facilidades no acesso a recursos, tendem também a intervir na reestruturação de redes de sociabilidade mais alargadas.” Isto quer dizer que as redes de amizade tendem a contribuir positivamente para o processo de desenvolvimento cultural das crianças, através do contacto com outras, ao brincar, ao conversar e trocar ideias.

1.4 O conceito de Amizade

De acordo com Garcia e Pereira (2008) as relações de amizade constituem uma temática de estudo muito recente. Assinale-se que só nas últimas décadas se começou a desenvolver, juntamente com estudos sobre os relacionamentos interpessoais. De

referenciar, contudo que, não obstante, se verifique um maior interesse por esta área de pesquisa, a investigação nesta área continua a ser escassa, nomeadamente no âmbito da Educação.

A amizade é desenvolvida, para as crianças, a partir das suas experiências de vida e das relações com os outros, contudo, pode ser alterada à medida do desenvolvimento da criança e dos conflitos que possam surgir entre elas. Os “amigos não estão imunes a conflitos ou atos agressivos”; isto não quer dizer necessariamente que seja quebrada a amizade entre elas, os conflitos são comuns e são uma forma de aprender e aceitar as características dos outros (Garcia, 2005, p. 41).

A formação de um amigo é influenciada por diferentes fatores. Para Garcia (2005) as meninas têm mais probabilidade de limitar os seus grupos de amizade, acabando por se limitar pelos velhos amigos e não fazendo novas amizades, demonstrando algum receio de partilhar a amizade. Para Eder e Hallinan (1978, citados por Garcia, 2005, p. 16) “As meninas também estão menos dispostas a expandir uma amizade diádica para incluir uma terceira criança”, o que demonstra que a escolha de amigos depende também de questões de autoestima e de géneros.

Segundo Howes (1998) o estudo da amizade em crianças com idades compreendidas entre os 1 e 3 anos, necessita que sejam tidos em atenção os relatos dos pais e educadores e ainda as inferências a partir do comportamento da criança. Assinalam, contudo, que no final do primeiro ano, crianças já manifestam relacionamentos diferenciais com os seus pares, sendo capazes de selecionar uma criança em específico de entre os colegas de brincadeira, interagindo mais frequentemente com esta criança e de forma distinta, sendo que entre os 12 e 18 meses de idade, apresentam interações diferenciadas com pares específicos. As coordenações sociais mais continuadas não são muito frequentes até ao fim do segundo ano, não obstante entre pares de crianças com uma maior familiaridade se possam constatar regularidades na interação social a partir dos 13 aos 15 meses. Esta investigadora defende que para se desenvolverem relacionamentos mais específicos, é fundamental que a criança tenha oportunidades para interagir com a outra em brincadeiras, sendo que os pares devem ter bastante familiaridade para que possam ser promovidas interações regulares.

Howes (1998) considera três aspetos fundamentais para definir amizade nesta faixa etária, nomeadamente a companhia (incluindo proximidade e interação mútua), a intimidade e o afeto. Por companhia, esta investigadora assinala a necessidade de que as

crianças possam passar tempo juntos, isto é, como preferência social ou proximidade. Neste sentido as crianças que preferem parceiros em particular, ou se mantêm próximas, são consideradas amigas. A companhia pode ser também definida como brincar juntas, de modo mais complexo que a proximidade. Assinala ainda que nas creches e jardins de infância as amizades desenvolvidas entre crianças pequenas são muitas vezes mantidas por diversos anos. Crianças muito jovens buscam a companhia de pares em particular e essas preferências são estáveis. As crianças que são amigas percebem o outro como um parceiro de brincadeiras, sendo que a interação recíproca é um segundo critério (em consonância com a proximidade) para a identificação das amizades.

Para Howes (1998) estas primeiras amizades promovem um contexto social caracterizado pela confiança entre os parceiros, tendo as habilidades sociais como base, sendo que nesta fase da infância a amizade é definida com base nas manifestações comportamentais de afeto mútuo, apoio emocional e brincadeira simbólica (intimidade).

De acordo com Vaughn e colaboradores (2000) as amizades recíprocas são mais comuns a partir de três ou quatro anos.

Segundo Lopes et al. (2003, citados por Rodrigues, 2015) a criança no início da infância apresenta um vínculo momentâneo nas relações de amizade que estabelece. Assim, o conceito de amizade acaba por ficar condicionado à proximidade física e preferência nas atividades, sendo que Lopes (2007) assinala que numa fase inicial as crianças mais jovens relacionam a amizade com a proximidade física e com as características físicas, sendo que só numa fase posterior relacionam a amizade com a afeição e o apoio. Nesta fase da infância o conceito de amizade ainda está a ser construído, pois a criança ainda não vivenciou experiências suficientes de amizade para definir a sua perspectiva sobre a mesma. A conceção deste último autor remete-nos para a evolução da definição de amizade, sendo inicialmente uma prioridade para as crianças as características físicas, sendo que só depois, começam a dar valor aos afetos, emoções e segurança que a outra criança lhe pode transmitir.

Rubin (1982, citado por Rodrigues, 2015) refere que numa fase inicial a amizade é concebida de uma forma unilateral e egocêntrica, o que quer dizer que a criança está ainda muito focada nela mesma e no seu bem-estar. Desta forma, a criança ainda não consegue descentrar-se de si mesma e não revela muita preocupação com o bem-estar do outro, pretendendo apenas a atenção focada em si.

Não obstante ao referido anteriormente, Gopnick (2010, p. 244) assinala que “Todas as crianças querem e precisam de amor. A proteção e sustento é inata e universal – é uma parte necessária do esquema evolutivo da imaturidade protegida”, ou seja, embora a criança em idade pré-escolar esteja numa fase de egocentrismo, esta não deixa de precisar e procurar receber carinho, segurança e amor nos amigos, é algo imprescindível.

Ferreira (2004) refere ainda que “ter um amigo significa também ter algum apoio e base de reconhecimento social quando se enfrentam e se resolve problemas”, o que quer dizer que a amizade “pode ser vista como uma propriedade socioafetiva emergente da participação ativa das crianças em estruturas temporais e espaciais que as constroem e como uma base para a sua inclusão na organização social do grupo” (p. 194).

Tal como referido anteriormente, a amizade, nestas idades está na base do bem-estar pessoal da criança, sendo que para Ricardo e Rossetti (2011) a amizade funciona ainda como um fator de proteção social, promovendo a autoestima e o bem-estar da criança. Neste sentido, a amizade pode ser comparada a um contributo positivo para o desenvolvimento e formação pessoal da criança, uma vez que esta contribui para a autoestima das crianças. As relações de amizade promovem assim, não só o bem-estar pessoal, como também o bem-estar em grupo.

Não existe uma definição exata sobre o conceito de amizade, uma vez que existem inúmeras variáveis que influenciam a construção destas relações. “Ter amigos, fazer amigos e manter amizades representam fatores fundamentais para o desenvolvimento saudável do ser humano” (Ricardo & Rossetti, 2011, p.3). Esta capacidade de a criança fazer amigos e mantê-los, requer que ela tenha um nível de desenvolvimento maior, uma vez que quanto mais ela se empenhar e dedicar nestas relações de amizade mais hipóteses esta tem de permanecer e de se tornar duradora.

Estas relações de amizade vão-se desenvolvendo e para Ricardo e Rossetti (2011) a criança torna-se cada vez mais capaz de pensar na relação de amizade, preocupando-se com os outros o que revela uma evolução no pensamento operatório, descentrando a atenção de si e diminuindo o seu egocentrismo.

Para Ladd e Coleman (2010, citados por Rodrigues, 2015) o gosto e atração pelo outro são fatores importantes e necessários à existência da relação de amizade, mas estes atributos não são os únicos, pois é preciso muito mais para definir a amizade. Tal como referido anteriormente é importante que as crianças desenvolvam a capacidade de

respeitar e manter a amizade, porque tal como refere Rubin (1982, citado por Rodrigues, 2015) “Os amigos são proporcionadores de segurança, padrões em relação aos quais nos podemos medir, parceiros de atividades em que não podemos atuar sozinhos, guias para lugares não familiares, aprendizes que nos confirmam o nosso próprio sentido, em desenvolvimento, de competência e de especialização” (p. 20). Com isto, pode dizer-se que cada um define o seu conceito de amizade consoante as suas vivências e experiências de vida e que os amigos são impulsionadores para a formação pessoal e social da criança.

Para Selman (1976, citado por Shaffer, 2005), podemos afirmar que a amizade se desenvolve através de estágios. Assim sendo, o nível 0, é o estágio dos colegas temporários, etapa em que as crianças têm idades aproximadamente compreendidas entre os 3 e os 6 anos de idades. As características deste estágio são essencialmente o egocentrismo da criança, levando a que a esta não aceite qualquer outra perspectiva como válida que não a sua, ou seja, neste momento as crianças tendem a escolher os amigos tendo em atenção a proximidade ou a valorização dos seus atributos físicos. O estágio seguinte é o nível 1, denominado de assistência unidirecional, que compreende crianças com idades entre aproximadamente os 6 a 8 anos, caracterizando esta fase a visão da amizade de uma forma unilateral, onde a condição para que a criança considere outra como sua amiga é o facto de esta escolher algo que ela também goste de fazer. Em contrapartida sempre que uma criança não corresponda aos interesses da mesma, esta pode tornar-se um “não amigo”.

O nível 2, a cooperação bidirecional enquadra crianças de idades entre aproximadamente os 8 e os 9 anos, sendo que é nesta fase que se começam a criar amizades recíprocas, conseguindo a criança colocar-se no lugar da outra criança, vendo outra perspectiva que não a sua, e embora não consiga ainda idealizar a sua perspectiva e a do outro ao mesmo tempo, considera-se a amizade mútua. O nível 3 encontra-se numa fase seguinte e é denominada de estabilidade de amizade, nesta fase a criança já é capaz de aceitar a opinião do outro descentrando-se apenas de si.

Entre os 12 e os 15 anos encontram-se no nível 4 dos estágios de Selman. Nesta etapa, já consideram a relação de amizade, algo mais íntimo, onde criam uma dependência do outro.

Do que foi explanado constata-se a importância da amizade para o desenvolvimento da criança e ainda o papel que os adultos, nomeadamente o(a) educador(a) de infância apresenta no desenvolvimento das relações de amizade na idade pré-escolar. Mas, poder-

se-á questionar o que pensam as crianças em idade pré-escolar sobre o que é ser amigo? O que é para elas a amizade? Como selecionam os seus amigos? Estas são as questões que nos guiarão no desenvolvimento da nossa investigação, tendo sempre como objetivo final conhecer melhor o que pensam, para melhor poder promover e ajudar o desenvolvimento das relações entre as crianças.

Capítulo II- Metodologia

2.1 Natureza e tipo do estudo

A ciência, segundo Lakatos e Marconi (2007, p. 80) é um conjunto de proposições logicamente correlacionadas sobre o comportamento de certos fenómenos que se deseja estudar; logo a investigação científica permite a análise de fenómenos de modo a obter respostas para questões precisas que merecem a devida exploração (Fortin, 1999, p. 17).

Tendo em atenção a temática desta investigação e as suas variáveis, optou-se por uma metodologia mista de investigação, uma vez que integra investigação qualitativa e investigação quantitativa. Optámos por esta metodologia mista, usual nas Ciências Humanas e Sociais, porque atendendo aos objetivos propostos foi necessário aplicar um questionário com respostas abertas, analisar e interpretar as respostas obtidas e posteriormente apresentar estes resultados através de uma abordagem qualitativa, transformando-as num segundo momento através de uma metodologia quantitativa.

A presente investigação é de natureza qualitativa pois pressupõe uma conceção global fenomenológica, indutiva, estruturalista, subjetiva e orientada para o processo, ou seja, apresenta um maior interesse no processo de investigação e não apenas nos resultados (Sousa & Baptista, 2011). Neste tipo de estudo o investigador desempenha um papel crucial na recolha dos dados tendo por base a sensibilidade e o seu conhecimento acerca do tema em questão (Sousa & Baptista, 2011). Segundo Bogdan e Biklen (1994), os investigadores que seguem a metodologia qualitativa frequentam os locais de estudo porque se preocupam com estes e acreditam que o seu objeto de estudo é melhor interpretado se estiver no seu ambiente natural. Como tal, para esta investigação pretende-se explorar situações do dia a dia destas crianças em questão.

A investigação qualitativa divide-se em três fases, a fase conceptual, a fase metodológica e a fase empírica (Fortin, 1999). Para além destas fases, se analisarmos pormenorizadamente percebemos que está também dividida em sete etapas: a formulação do problema geral da investigação; a construção de questões orientadoras como forma de explorar e desenvolver o fenómeno em questão; a seleção dos métodos de recolha de dados, como por exemplo as entrevistas; a eleição de um contexto e dos sujeitos para o estudo; a recolha e análise dos dados; a construção das hipóteses segundo os dados recolhidos; e por fim a reformulação das questões e do problema tendo em atenção os

resultados e a interpretação dos mesmos. Para Bogdan e Biklen (1994) as investigações qualitativas têm como principal objetivo perceber o comportamento e a experiência humana.

A investigação apresenta também um carácter quantitativo pois consideramos uma forma de investigação mais fiável, mais objetiva e exata (Bardin, 1994), e que segundo Sousa e Baptista, 2011, p. 55 esta “(...) procura as causas dos fenómenos sociais, prestando escassa atenção aos aspetos subjetivos dos indivíduos”. Sendo este um método de investigação mais preciso, observável e quantificável, tal como o nome indica, considerámos pertinente aplicá-lo, uma vez que este está relacionado com estudos de quantidades, de fenómenos ou acontecimentos reais, podendo desenvolver e fidelizar esses acontecimentos, generalizando os dados obtidos.

A investigação assume um carácter de investigação-ação, uma vez que para Corey (1953, citado por Dionisio, 2019) este é um processo através do qual os práticos pretendem estudar os seus problemas cientificamente com o fim de guiar, corrigir e avaliar sistematicamente as suas decisões e ações, ou seja, esta metodologia procura a mudança de um contexto social concreto e contribuir para o desenvolvimento profissional dos atores (Serrano, 2004). Na investigação-ação os sujeitos encontram uma preocupação inicial ou uma ideia geral de que há uma necessidade de mudança, a seguir é necessário planificar, agir, observar e refletir para dar conta do seguimento da mudança e das melhorias, desta forma, apresenta-se uma espiral reflexiva sobre o tema, onde se observa, reflete, atua, avalia, modifica e se move em novas direções (Dionisio, 2019). Relativamente à presente investigação, delineada segundo uma metodologia de investigação-ação, deve salientar-se que não foi possível dar seguimento ao planeado no que se refere à intervenção, uma vez que a situação de pandemia pela covid-19 impossibilitou a término desta tentativa de mudança.

Relativamente ao método de estudo utilizado, este apresenta um carácter exploratório, uma vez que se centra em compreender as conceções e perspetivas das crianças relativamente ao conceito de amizade tendo em atenção os questionários realizados (Fortin, 1999).

Foi utilizada a observação participante, sendo esta uma técnica de recolha de dados baseada na observação. A partir desta técnica, é possível estar atento “à transformação dos comportamentos, aos efeitos que eles produzem e aos contextos em que são aobservados” (Quivy & Campenhoudt, 1992, citados por Dionisio, 2019).

Após a observação e levantamento das questões, os instrumentos de recolha de dados foram as notas de campo e os questionários aplicados às crianças. As notas de campo servem como forma de dar ouvido, de forma escrita aos pensamentos das crianças visando explorá-las e estudá-las.

2.2 Questões orientadoras do estudo

Considerando o enquadramento conceptual do estudo foram delineadas as seguintes questões orientadoras que possibilitaram uma melhor estruturação dos objetivos do estudo, pretendendo encontrar respostas para as mesmas ao terminar a investigação. Neste sentido, as questões que orientaram a presente investigação são:

- As crianças em idade pré-escolar sabem o que é a amizade?
- As crianças selecionam os seus amigos tendo em consideração as amizades do jardim-de-infância?

2.3 Objetivos do estudo

De forma a dar resposta às questões apresentadas anteriormente, definiu-se como objetivo geral do presente estudo analisar as relações de amizade nas crianças em idade pré-escolar. A partir deste objetivo, tendo em consideração a natureza e o tipo de estudo, apresentam-se os seguintes objetivos específicos:

- Analisar a compreensão do conceito de amizade para as crianças em idade pré-escolar;
- Perceber se a escolha dos amigos é influenciada pelo género;
- Perceber se as crianças sabem qual o papel do amigo;
- Perceber se as crianças em idade pré-escolar preferem selecionar como melhores amigos somente aqueles com quem convivem no jardim-de-infância;
- Investigar o que para as crianças não é amizade.

2.4 Sujeitos do estudo - Amostra

Para a realização deste estudo a população foi recolhida no âmbito da unidade curricular, Prática de Ensino Supervisionada, no jardim-de-infância onde decorreu o estágio, sendo este o critério para inclusão na amostra. Este é um grupo heterógeno constituído por 23 crianças, 12 do género feminino e 11 do género masculino. Foram entregues 23 questionários, contudo a percentagem de resposta foi apenas de aproximadamente 74%. O grupo amostral ficou assim constituído por 17 crianças ($N = 17$), com idades compreendidas entre os três e os quatro anos de idade ($M = 3,18$; $DP = 0,393$; $Mo = 3$).

2.5 Procedimentos metodológicos

2.5.1 Delineamento do estudo.

O estudo foi realizado no decorrer da Prática de Ensino Supervisionada do ano letivo de 2020/2021, como já referido, com um grupo de 23 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 4 anos, sendo que a amostra para o presente estudo foi de 17 crianças ($N = 17$).

No que se refere ao motivo da escolha e justificativa do tema, é importante referir que este não foi a primeira escolha. Inicialmente pensou-se em explorar o conceito de identidade e a influência da educação e das famílias neste processo, contudo dada a situação pandémica que atravessámos e pela incapacidade de explorar este tema em contexto de sala e em contacto com as famílias, optou-se por alterar a temática. Importa, contudo, referir que a seleção do tema esteve relacionado com o facto de que, no decorrer do estágio algumas questões sobre as relações de amizade terem sido levantadas pelas crianças, como por exemplo, “ela não quer ser minha amiga” ou “ele não quer brincar comigo”. Pareceu-nos, assim relevante optar por explorar estas questões de forma a conhecer e analisar as conceções e a compreensão que crianças em idade pré-escolar detêm sobre o que é a amizade, bem assim poder contribuir para a promoção e desenvolvimento das relações de amizade entre as crianças do grupo. Desta forma, e tendo como objetivo responder à problemática surgida, optou-se por realizar um estudo sobre as relações de amizade em crianças de idade pré-escolar.

Tendo em consideração que esta fase do relatório já foi realizada a partir de casa, sem a possibilidade de desenvolver atividades presenciais, optou-se por adaptar a situação e gravar histórias e partilhar com as famílias e crianças através de uma plataforma *online* utilizada pela instituição em questão, como forma de introduzir a temática com o grupo.

Após a introdução do tema com o grupo, elaborou-se um breve questionário, apresentado em apêndice A, de forma a recolher as opiniões e os conhecimentos que cada criança apresentava no âmbito da temática da amizade. O questionário foi apresentado e aprovado pela orientadora do relatório.

Posteriormente, este foi partilhado na plataforma da instituição e foi pedido às famílias que os aplicassem às crianças, quer por escrito ou por áudio, enviando para a investigadora depois da sua realização.

Para a realização do presente estudo para além da obtenção de consentimento informado dos progenitores, estão assegurados os princípios éticos definidos na Universidade do Algarve, sendo que ainda foram assegurados o anonimato e a confidencialidade dos dados de identificação das crianças, uma vez que foram utilizados códigos de identificação. Como forma de manter o anonimato do nome das crianças foi-lhes atribuído um código. Este código é composto apenas pela letra inicial do nome e o número correspondente à quantidade de vezes dessa letra na lista. A transcrição das entrevistas e as cópias dos questionários serão destruídas após a finalização do estudo.

2.5.2 Instrumentos

Para realizar a recolha e o tratamento dos dados obtidos foram utilizados diversos instrumentos e métodos, nomeadamente o questionário às crianças e ainda se procedeu a uma análise das relações entre as crianças através da realização de um teste sociométrico.

2.5.2.1 *Questionário*

Tal como referido anteriormente, foi desenhado pela investigadora e aplicado posteriormente pelas famílias um questionário às crianças como forma de conhecer e analisar as conceções e a compreensão que estas crianças em idade pré-escolar detêm sobre o que é a amizade. Entende-se como inquérito o processo de recolha de dados sobre um tema a ser estudado e sintetizado.

Como tal, antes da aplicação dos questionários, foi solicitada a colaboração aos encarregados de educação e foi apresentado um consentimento informado, colocado em apêndice B, para a participação dos seus educandos.

Para o desenvolvimento deste questionário foram estudadas várias questões para serem colocadas às crianças com o auxílio da orientadora deste relatório, tendo sido efetuado um teste piloto a 3 crianças que não participaram no estudo. O objetivo deste teste foi perceber se as questões eram claras e facilmente percebidas pelas crianças, sendo que face à boa interpretação e respostas das crianças não foi alterada nenhuma questão. Posteriormente, iniciou-se a aplicação dos mesmos pelos progenitores. O questionário foi aplicado em contexto sala e também com o auxílio dos encarregados de educação através de gravações e respostas escritas, uma vez que a pandemia nos impediu de realizar todas as horas de estágio em contexto sala. A primeira parte é composta pelos dados de identificação, nomeadamente o nome, idade da criança e data de realização do mesmo.

A segunda parte é composta por cinco questões abertas onde se solicitou às crianças que respondessem respetivamente:

- “O que é a amizade?”
- “ O que é para ti ser amigo/a?”
- “Tens algum amigo/a especial? Quem é?”
- “Quem são os teus amigos/as? São do Jardim de Infância, ou de fora?”
- “ Tens alguém que não seja teu amigo/a? Porque é que ele/ela não é teu/tu amigo/a?”

2.5.2.2 Teste sociométrico

Para organizar e interpretar a informação recolhida dos questionários foi ainda realizado um teste sociométrico como forma de perceber as redes de reciprocidade de amizade entre crianças.

A sociometria é o estudo dos padrões da inter-relação que se formam entre pessoas e dos processos que os medem. Segundo Northway e Weld (1999), o Teste Sociométrico ajuda-nos a avaliar o grau de integração numa criança/jovem num grupo, ou seja, funciona como uma estratégia utilizada para estudar as relações dos grupos de uma sala. O objetivo

principal da sociometria é analisar e determinar a posição social de um sujeito dentro de um grupo a partir das escolhas e rejeições.

Para a realização deste estudo sociométrico foi atribuído a cada criança um código, tal como referido anteriormente. Após este procedimento foi realizada a questão relativamente à existência de um amigo especial, como forma de interpretar a posição de cada criança na sua sala. Através desta questão foi realizada a rede sociométrica onde se pode visualizar a reciprocidade de amizade entre crianças.

2.5.3 Procedimentos para a análise e tratamento de dados

Para a análise dos dados recolhidos nas perguntas abertas às crianças, optou-se pela análise de conteúdo, seguindo a metodologia proposta por Bardin (1977), segundo três momentos cronológicos: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, através da inferência e da interpretação. Num primeiro momento fez-se uma leitura flutuante de todo o material recolhido, tendo como objetivo conhecer os documentos e elencar as primeiras impressões. Uma vez constituído o *corpus* com base na exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência, seguir-se a etapa de codificação e categorização do material. Na codificação, foi feito o recorte das unidades de registo, sendo que para a seleção das unidades de registo, se teve em consideração a sua pertinência. Posteriormente, foram realizadas grelhas de análise com as respostas das crianças (Apêndice C). Estas grelhas consistem na organização das cinco questões por categorias em cada uma delas, sendo que, previamente à codificação das unidades de análise em categorias, as respostas dadas pelas crianças foram transcritas textualmente como ditas pelas crianças (Bardin, 1977). Posteriormente, foi realizada uma apresentação dos resultados, análise e discussão dos mesmos.

Capítulo III- Apresentação dos resultados

Após a análise cuidadosa das respostas aos questionários apresentam-se para cada uma das questões as categorias que consideramos mais adequadas, exaustivas e representativas tendo em consideração o presente estudo.

Neste sentido no que diz respeito à questão 1 “O que é a amizade?” foram selecionadas as seguintes categorias:

Categoria A – “Brincar e fazer coisas” – consideram-se as unidades de análise em que as crianças referem a amizade como brincar e fazer diversas coisas com outras pessoas.

Ex: - “Brincar com a boneca e com a mãe” (F01)
- “Fazer coisas” (E01)

Categoria B – “Não sei” - consideram-se as unidades de análise em que as crianças referem que não sabem o que é a amizade.

Ex: - “Não sei” (A01)
- “Não conheço” (T01)

Categoria C – “Alguém” - consideram-se as unidades de análise em que as crianças referem que a amizade é alguém ou um objeto.

Ex: - “Uma boneca” (M02)
- “É a avó” (S02)

Categoria D – “É o amor! ... dar abraços... dar beijinhos... brincar...” – Consideram-se as unidades de análise em que as crianças referem que a amizade está relacionada com o afeto, o carinho aos outros.

Ex: - “É brincar e dar abraços” (F02)
- “Dormir com o pai” (D01)

Categoria E – “Escola” - Consideram-se as unidades de análise em que as crianças referem que a amizade está relacionada com a escola e com as relações que esta possibilita.

Ex: - “É a escola” (J01)

- É estar com os amigos na escola” (C01)

Categoria F- “Doces” - Consideram-se as unidades de análise em que as crianças referem que a amizade está relacionada com o comer doces.

Ex: - “É uma travessa de doces” (M05)

Categoria G- “A idade” - considera-se a unidade de análise em que as crianças referem que a idade é um fator para existir amizade.

Ex: - “São os anos” (M03)

Como é possível visualizar na tabela 1, as crianças referiram com a mesma percentagem (17.6 %; $n = 3$) de resposta que a amizade se refere a brincar e fazer coisas; que não sabem o que é a amizade; que a amizade está relacionada com o afeto e o carinho e ainda que a escola é intermediária para a amizade. Com uma ligeira diferença (11.8 %, $n = 2$) as crianças referiram que a amizade é algo ou alguém em específico, ou seja, associam a amizade a algo em concreto e, por fim, com menor percentagem (5.9 %, $n = 1$) as crianças referiram que a amizade é algo associado a doces ou ainda à idade das crianças.

Tabela 3.1

O que é a amizade?

Categorias	Sujeitos	Total	
		<i>f</i>	%
A- “Brincar e fazer coisas”	(E01) (F01) (G01)	3	17.6
B – “Não sei”	(M01) (S01) (T01) (A01)	4	23.6
C – “Alguém”	(M02) (S02)	2	11.8
D – “É o amor! ... dar abraços... dar beijinhos...“ brincar...”	(D01) (M04) (F02)	3	17.6
E – “Escola”	(K01) (J01) (C01)	3	17.6
F- “Doces”	(M05)	1	5.9
G- “A idade”	(M03)	1	5.9
	Total	17	100%

Para a questão 2 “O que é para ti ser amigo/a?”, foram selecionadas as seguintes categorias.

Categoria A - “Não sabe” - são consideradas as unidades de análise onde as crianças referem que não sabem o que é ser amigo.

Ex: - “Não sei” (M02)

Categoria B - “A família” - são consideradas as unidades de análise onde as crianças definiram que ser amigo é um ou ambos os pais.

Ex: - “Pai e a mãe” (E01)

- “É o papá” (D01)

Categoria C - “Brincar” - são consideradas as unidades de análise onde as crianças responderam que ser amigo é brincar com os outros.

Ex: - “É brincar e dar abraços” (F02)

- “É brincar, andar de escorrega, brincar na casinha” (M05)

Categoria D - “Amigos” - são as unidades de análise onde as crianças consideraram que ser amigo são os seus amigos.

Ex: - “Amiga M06” (M03)

- “São os amigos” (S01)

Categoria E - “Partilhar” - são as unidades de análise onde as crianças consideram que partilhar é uma atitude correspondente a ser amigo.

Ex: - “É partilhar os copos” (T01)

- “Partilhas e muita brincadeira” (C01)

Categoria F - “Afeto” - são as unidades de análise onde as crianças consideraram que demonstrar afeto é ser amigo.

Ex: - “Os amigos não batem e dão abraços” (G01)

- “Gostar de um menino ou menina” (S02)

Como é possível constatar na tabela 2, as crianças referiram em maior percentagem (35.3%; $n = 6$) que ser amigo era *brincar, ou seja*, para as crianças a associação à amizade passa pelas brincadeiras. Com uma percentagem significativamente mais baixa (17.5% ; $n = 3$) as crianças referiram que ser amigo é a família. Por fim, com uma percentagem inferior (11.8%; $n = 2$) responderam não saber o que era ser amigo, outras responderam que ser amigo era saber partilhar, dar ou receber afeto/carinho e ainda referiram amigos para responder à questão.

Tabela 3.2

O que é para ti ser amigo/a?

Categorias	Sujeitos	Total	
		<i>f</i>	%
A- “Não sabe”	(M01) (M02)	2	11.8
B – “A família	(E01) (D01) (F01)	3	17.5
C – “Brincar”	(K01) (A01) (J01) (M05) (M04) (F02)	6	35.3
D – “Amigos”	(M03) (S01)	2	11.8
E – “Partilhar”	(T01) (C01)	2	11.8
F- “Afeto”	(G01) (S02)	2	11.8
	Total	17	100%

No que se refere à questão nº 3, “Tens algum amigo/a especial?”, foram divididas pelas seguintes categorias:

Categoria A - “Os colegas da sala” - são as unidades de análise onde as crianças responderam que o seu amigo especial era um ou mais colegas da sua sala.

Ex: - “A01, G02 e M04” (M01)

- “E01” (A01)

Categoria B - “Não tem amigo especial” - referem-se às unidades de análise que referiram não ter nenhum amigo especial.

Ex: - “Não tenho” (M02)

- “Não sei” (M03)

Categoria C - “A família” - são as unidades de análise onde as crianças responderam que o seu amigo especial era um familiar.

Ex: - “O papá” (D01)

- “A mãe” (E01)

Categoria D- “Animal de estimação” – é a unidade de análise onde uma criança refere que o seu amigo especial é o seu animal de estimação.

Ex: - “Chase, o meu coelho” (C01)

Através da tabela 3, pode constatar-se que as crianças responderam maioritariamente ter algum amigo/a especial, com uma elevada percentagem (58.8%; $n = 10$) um colega da sala como seu amigo especial. Com uma percentagem bastante inferior (23.5%; $n = 4$) as crianças referiram que os seus amigos especiais são a família, o pai ou a mãe. Com uma percentagem de 11.8% ($n = 2$) obtivemos a resposta de que as crianças não têm ou não consideram ninguém como seu amigo especial. Por fim, em minoria (5.9%; $n = 1$) temos a referência a um animal de estimação como amigo especial.

Tabela 3.3

Tens algum amigo/a especial?

Categorias	Sujeitos	Total	
		<i>f</i>	%
A- “Os colegas da sala”	(M01) ((K01) (A01) (F01) (S01) (T01) (G01) (M05) (M04) (F02)	10	58.8
B – “Não tem amigo especial”	(M02) (M03)	2	11.8
C – “A família”	(E01) (D01) (J01) (S02)	4	23.5
D – “Animal de estimação”	(C01)	1	5.9
Total		17	100%

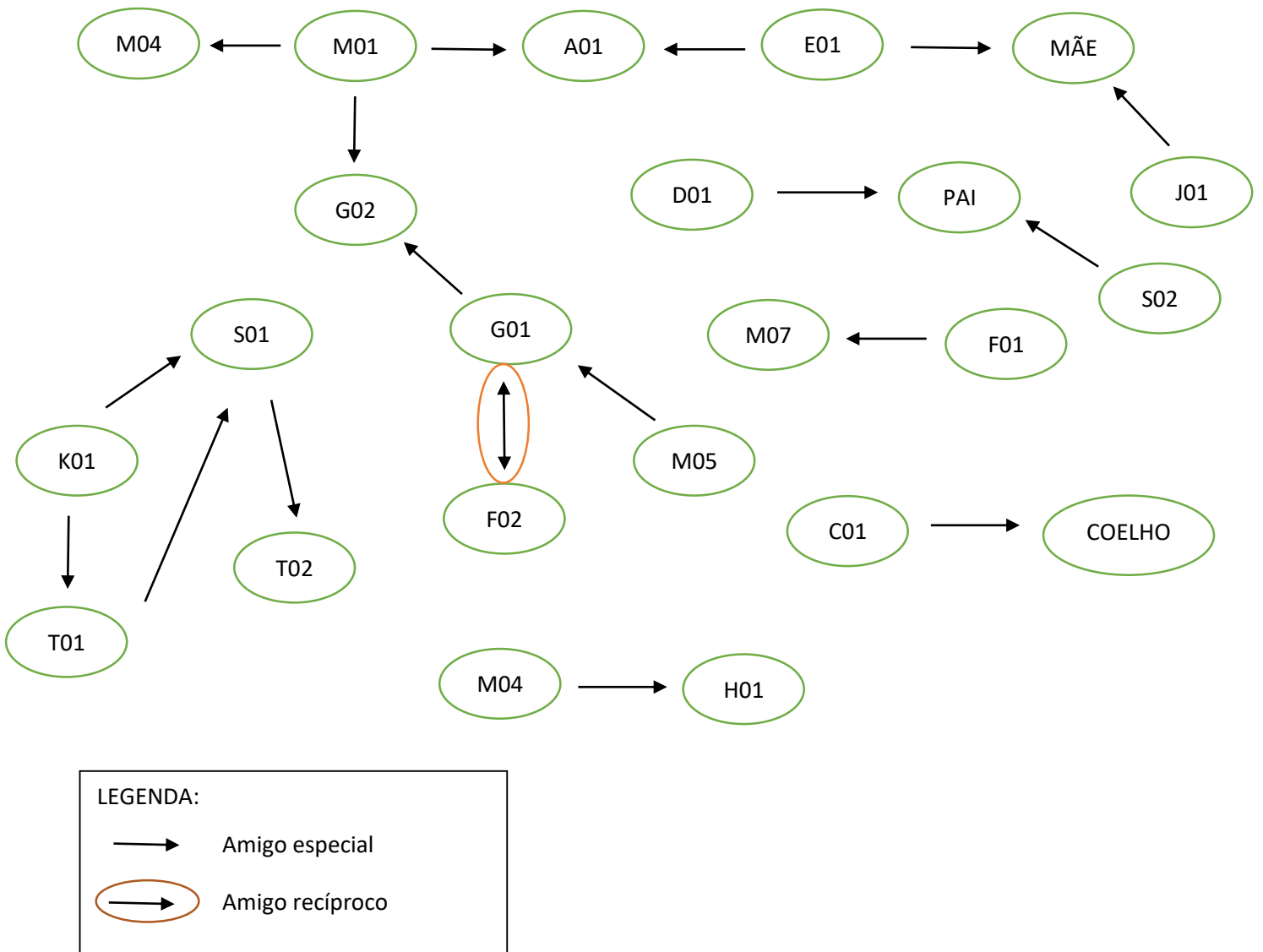
Relativamente à questão nº 3, optou-se por fazer uma análise sociométrica como forma de estudar melhor as respostas das crianças. Da análise à figura 1, podemos constatar que existe apenas uma escolha de amizade recíproca (G01 - F02). Desta forma, significa que as restantes crianças definiram como amigo especial alguém que não considerou o mesmo. Tendo em atenção que várias crianças referiam como suas amigas especiais algum colega da sua sala, é de salientar que as crianças S01 e G01 foram as crianças mais escolhidas pelo grupo como amigos especiais, com duas escolhas cada uma.

Constatou-se igualmente que existe um grande número de crianças que não foram enunciadas como amigo especial de ninguém (M01, E01, J01, S02, D01, F01, C01, M04, M05, K01), o que significa que mais de metade deste grupo não é considerado amigo especial de ninguém.

É importante assinalar que quatro crianças deste grupo (E01, J01, D02 e S02) referiram os pais como seus amigos especiais e uma delas (C01) referiu o seu animal de estimação como o mesmo.

Figura 3.1

Rede de escolhas relativas ao amigo(s) especial(ais).



Relativamente à questão nº 4, “Quem são os teus amigos/as? São do JI ou de fora?”, as respostas foram divididas pelas seguintes categorias:

Categoria A - “Um amigo” - são consideradas as unidades de análise onde as crianças referiram ter apenas um amigo.

Ex: - “A educadora, da sala” (M01)

- “A01” (K01)

Categoria B -" Dois ou mais amigos" - são consideradas as unidades de análise onde as crianças referiram mais do que um amigo.

Ex: - "Do F02, a prima e o primo" (M05)

Categoria C - "Todos do JI" - são consideradas as unidades de análise onde as crianças referiram todos os colegas do jardim-de-infância como amigos.

Ex: - "Todos da escola" (S02)

Categoria D - "Outros amigos" - são consideradas as unidades de análise das crianças que referiram como amigos alguém fora do jardim-de-infância.

Ex: - "Fora da escola" (M03)

Como se pode constatar na tabela 4 a maior percentagem corresponde à resposta *todos os do jardim-de-infância* (%; $n = 12$). Com uma percentagem bastante inferior mais logo a seguir (%; $n = 3$) obtivemos a resposta a apenas *um amigo* e com % ($n = 1$) obtivemos a resposta *dois ou mais amigos e a amigos fora do jardim-de-infância*.

Tabela 3.4

Quem são os teus amigos/as? São do JI ou de fora?"

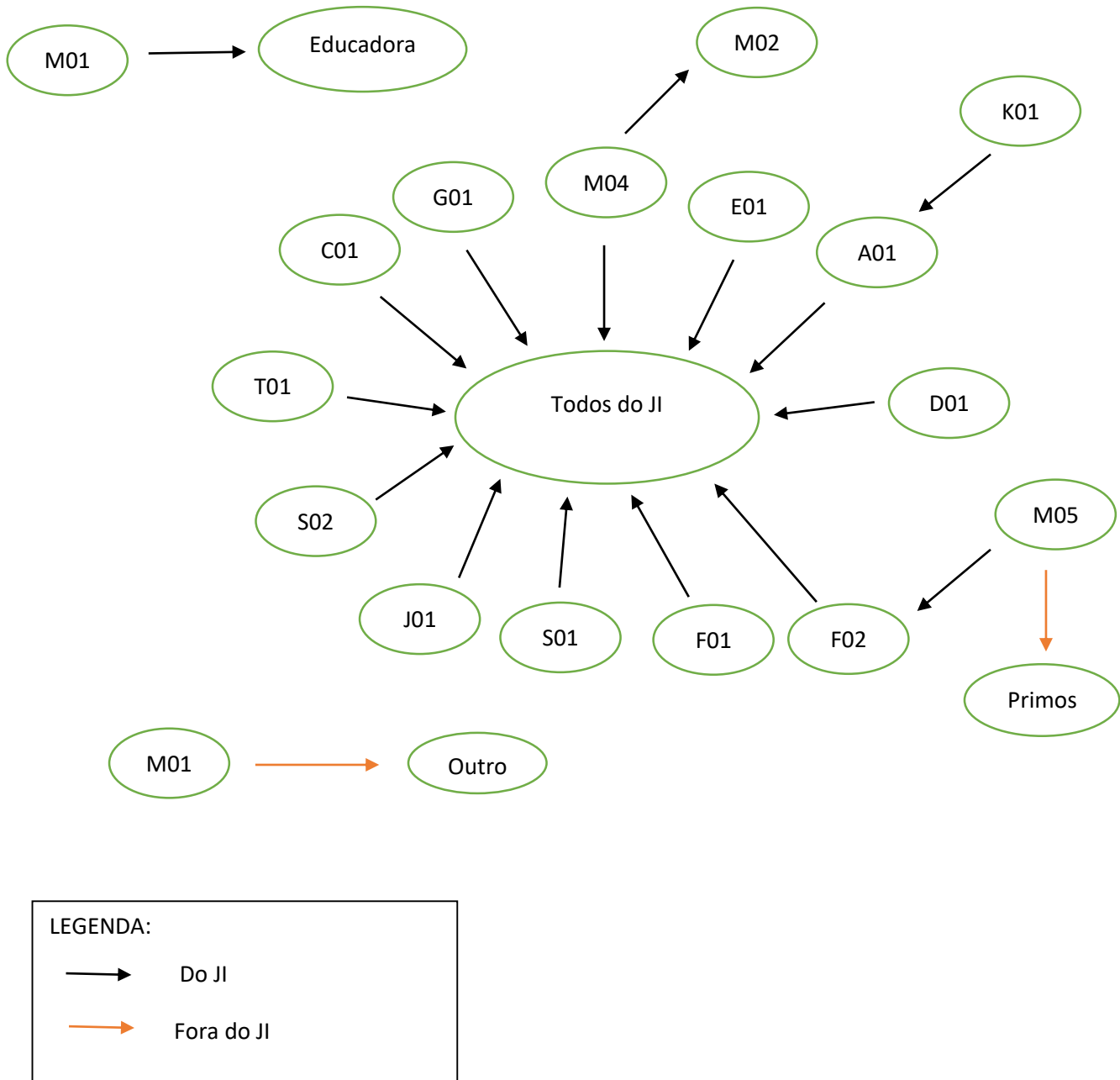
Categorias	Sujeitos	Total	
		<i>f</i>	%
A- "Um amigo"	(M01) (M02) (K01)	3	17.6
B – "Dois ou mais amigos"	(M05)	1	5.9
C –"Todos do JI"	(E01) (A01) (D01) (F01) (S01) (J01) (T01) (C01) (G01) (M04) (F02) (S02)	12	70.6
D – "Outros amigos"	(M03)	1	5.9
Total		17	100%

Como forma de visualizar as redes de ligações relativamente aos amigos das crianças deste grupo recorreremos ao teste sociométrico. Como se pode visualizar na tabela 4, a maioria das crianças (C01, G1, M04, E01, A01, D01, F02, F01, S01, J01, S02, T01) referiram que os seus amigos são as crianças do Jardim-de-infância, com uma percentagem de 70.6%.

As crianças M01, M02 e k01 referiram ter apenas um amigo e todos estes referiram amizades pertencentes ao JI. Em minoria, a criança M05 referiu ter mais do que um amigo, contudo um deles é do JI e o outro é de fora. A criança M03 está isolada desta rede pois respondeu ter amigos apenas fora do JI.

Figura 3.2

Rede de escolhas relativas a quem são os amigos, do JI ou de fora.



Relativamente à questão nº 5 “Tens alguém que não seja teu amigo/a? Porquê?” as respostas foram divididas pelas seguintes categorias:

Categoria A - “São todos amigos” - representam as unidades de análise onde as crianças referiram que são todos seus amigos, ou seja, não existe ninguém que não seja amigo.

Ex: - “São todos meus amigos” (D01)

- “Todos são amigos” (F01)

Categoria B - “Não quer brincar” - são as unidades de análise que representam a resposta que não é amigo porque não quer brincar com ele(ela).

Ex: - “O H01. Porque ele só quer brincar com a panela, grita, faz barulho, não quer brincar...” (M04)

- “A M07, porque não quer brincar comigo” (E01)

Categoria C - “Sem resposta” - representam as unidades de análise que elegem alguém como não sendo seu amigo, contudo não justificam a sua resposta.

Ex: - “A M04” (M02)

- “A F01” (K01)

Categoria D - “Porque não gosta de mim” - representa as unidades de análise onde a resposta ao facto de não ser amigo é justificada por gostar de outros amigos.

Ex: - “O T02, porque ele só gosta do S01” (T01)

Categoria E - “Porque me faz mal” - são as unidades de análise onde a resposta das crianças à questão é justificada pelo facto de lhe baterem.

Ex: - “O S01, porque ele fez-me mal, mas depois ficou feliz comigo e contente” (M05)

Através da tabela 5 é possível constatar que a resposta mais usual é que todos os colegas da sala são seus amigos com 52.9% ($n = 9$). As crianças E01, A01, M03, M04 deram a resposta com a segunda percentagem maior (23.5%; $n = 4$) referindo que não têm amigos porque não querem brincar consigo. Duas crianças M02 e K01 destacaram, cada uma, um colega que consideram não ser seu amigo, contudo não justificaram a razão. Com percentagens menos significativas, aparecem as categorias em que as crianças

mencionam o porquê da resposta como sendo porque não gostam deles ou porque lhes fazem mal (tabela 5).

Tabela 3.5

Tens alguém que não seja teu amigo/a? Porquê?

Categorias	Sujeitos	Total	
		<i>f</i>	%
A- “Todos são amigos”	(M01) (D01) (F01) (S01) (J01) (C01) (G01) (F02) (S02)	9	52.9
B – “Não quer brincar”	(E01) (A01) (M03) (M04)	4	23.5
C – “Sem resposta”	(M02) (K01)	2	11.8
D – “Porque não gosta de mim”	(T01)	1	5.9
E – “Porque me faz mal”	(M05)	1	5.9
	Total	17	100%

Capítulo IV- Análise e discussão dos resultados

Depois de apresentados os resultados da análise de conteúdo efetuadas aos questionários, e ainda a análise através dos testes sociométricos, passamos à análise e discussão dos mesmos, tendo em consideração todos os objetivos delineados e apresentados anteriormente.

Analisando o primeiro objetivo delineado para este estudo e respondendo à questão sobre *qual é a noção do conceito de amizade para as crianças em idade pré-escolar*, constatou-se que a grande maioria associa amizade ao brincar com os outros e ao carinho/afeto que recebem ou transitem. Uma vez que as brincadeiras devem fazer parte da rotina diária das crianças, pois estes momentos são um “(...) período de tempo em que as crianças podem investigar e explorar materiais e ações e interagir com os seus pares e educadores” (Post & Hohmann, 2011, p.249), consideramos que o conceito de amizade está bem presente nestas crianças. Para Rayner (1982, citado por Nunes, 2017, p.46) “As crianças na faixa etária dos 3 anos começam a interessar-se por brincar com outras crianças sendo que, para que isso aconteça, têm de criar uma relação de empatia com a outra, aceitando as suas necessidades, dificuldades e diferenças”, uma vez que as respostas a esta questão passam pelo brincar, assumimos que este grupo tem, na maioria dos casos, conhecimento de qual o verdadeiro conceito de amizade. Analisando a amizade como paralelo ao afeto, a criança M04 considerou que a amizade como “É o amor! ... dar abraços... dar beijinhos...brincar...”, podemos assumir que para estas crianças ($n = 3$) o carinho representa um fator bastante importante para a criação de laços com os outros.

Neste sentido vão também os resultados dos estudos desenvolvidos por Vandell e Mueller (1980) e Howes (1983) que sugerem que crianças entre um e três anos já têm os elementos básicos para a construção do conceito de amizade. Howes (1983, 1988) assinala amizades, caracterizadas pela preferência mútua e o compartilhamento de afeto positivo, desde a infância inicial (um a três anos), acrescentando que estas tendem a ser estáveis no tempo. De acordo com Howes (1988) as crianças procuravam as outras, mantinham com elas uma relação de proximidade, dividindo afetos positivos, considerados indicativos de uma relação de amizade.

Analisando a questão nº 2 e igualmente outro objetivo definido para este estudo, *o que é ser amigo?*, a resposta mais frequente esteve novamente interligada com a brincadeira, sendo que a maioria das crianças respondeu que *ser amigo é brincar com os*

outros. Estes resultados obtidos no presente grupo amostral são concordantes com o defendido por Howes (1983), Vandel e Muller (1980) e Vaughn et al. (2000).

A resposta *família* destacou-se também como figuras representativas de amizade, sendo que é nosso entender que a justificação esteja interligada com a questão anterior, ou seja, o afeto e o carinho que recebem dos pais/família representa para elas a amizade. Curiosamente, a *partilha* aparece como uma das formas de classificação de amizade para algumas crianças, nomeadamente as crianças T01 e a C01, referiram que ser amigo era *partilhar algo com os outros*. De assinalar, que esta resposta nos surpreendeu pela positiva, porque representa uma perceção e representação do conceito de amizade bastante rica e elaborada, sendo que este é um dos valores que mais são trabalhados na sala de atividades e que esperamos que as crianças consigam progressivamente interiorizar.

Para Matta (2001, citada por Couto, 2018, p. 29) as crianças mais pequenas estão ainda muito centradas no seu ponto de vista, revelando ainda muitas dificuldades para perceber e aceitar que os outros possam ter uma opinião diferente da sua, e, neste sentido, não conseguem colocar-se no lugar de outra criança. Assim, através destes resultados podemos concluir que algumas crianças já apresentam alguma consciência de qual é o papel do amigo e que a partilha faz parte desse processo. Para Rubin (1982) numa fase inicial, a criança vê a amizade de uma forma egocêntrica; em contrapartida Moreira (2009) refere que a criança ao estar inserida num grupo de amigos pode partilhar as experiências com estes, o que demonstra que, embora a criança assuma um papel egocêntrico, numa fase inicial, com o seu desenvolvimento e com a inserção num grupo de crianças, nomeadamente ao entrar para o jardim de infância, progressivamente começa a desenvolver o conceito de partilha como algo que faz parte do que ela entende como amizade.

Relativamente à terceira questão “ Tens algum amigo/a especial?” e fazendo um ponto de ligação aos objetivos deste estudo que passavam por perceber se as crianças escolhiam os seus amigos tendo em atenção o género e se as crianças em idade pré-escolar preferiam selecionar como melhores amigos somente aqueles com quem convivem no jardim-de-infância, concluímos que as respostas mais frequentes foram que os amigos escolhidos eram, na maioria, do jardim de infância, ou seja, aqueles com quem passam a maior parte do seu dia. Neste sentido, também para Rubin (1982) esta perceção se deve ao apoio e segurança que o amigo transmite, mesmo para as crianças em idade pré-

escolar, sendo o amigo aquele que está sempre próximo nas diversas situações e brincadeiras. No que diz respeito ao género, para grande surpresa nossa as respostas foram mistas, com isto podemos dizer que crianças do género feminino tanto escolhiam amigos do género masculino como feminino, o que parece contrariar alguns investigadores que assinalam que nesta fase as crianças preferem como amigo crianças do mesmo género e que os meninos e as meninas passam longos períodos brincando com pares do mesmo sexo e relativamente pouco tempo brincando com pares do sexo oposto (Martin & Fabes, 2001; Fabes et al., 2003). Também Whaley e Rubenstein (1994) defendem que as crianças começam a ter consciência da amizade antes dos quatro anos e que o desenvolvimento das habilidades sociais se constitui como um processo de refinamento. É importante destacar ainda que a maioria das respostas eram direcionadas a apenas um amigo, o que quer dizer que estas crianças já sabem escolher e definir como amigo especial alguém em concreto. Para Ladd e Coleman (2010) quando as crianças interagem com as outras crianças, estas tornam-se mais seletivas na escolha dos seus amigos.

Ao analisar a rede dos testes sociométricos, podemos observar apenas um caso de reciprocidade entre o G01 e o F02, pelo que se pode concluir que este também é um grupo bastante disperso no que diz respeito às amizades, sendo que as crianças parecem não se focar apenas numa criança como a mais popular. Assinale-se que a questão da reciprocidade segundo Vaughn e colaboradores (2000) é mais comum a partir de três ou quatro anos.

Para além de respostas como “o pai” ou “a mãe”, uma criança selecionou como seu amigo especial o seu animal de estimação e duas (M02 e M03) disseram não ter amigos especiais, duas crianças que aparentemente são bastante sociáveis mas que costumam preferir brincar sozinhas, com isto, fomos analisar as escolhas das crianças relativamente aos amigos especiais e constatamos que estas duas não fazem parte das escolhas de nenhuma outra criança do grupo, contudo, nas respostas à 4ª questão “Quem são os teus amigos/as? São do JI ou de fora?”, constatamos que a M03 voltou a referir que os seus amigos não são os do JI mas faz parte das escolhas de duas crianças. A M04 refere nesta questão que os seus amigos são do JI e passa a ser mais popular nas escolhas dos amigos.

Relativamente à 4ª questão “Quem são os teus amigos/as? São do JI ou de fora?”, a resposta mais frequente é mesmo “amigos do jardim de infância“, o que vem em concordância com as respostas à questão anterior, com isso concluímos que é afirmativa a questão colocada nos objetivos do estudo “As crianças selecionam os seus amigos tendo

em consideração as amizades do jardim-de-infância?”. Estes resultados estão em concordância com o defendido por Howes (1988) que refere a questão da proximidade para o estabelecimento da amizade.

Como forma de perceber se as crianças sabem o que não é a amizade, colocámos a 5ª questão “Tens alguém que não seja teu amigo/a? Porquê?”. As respostas foram positivas, tendo recebido a resposta “São todos amigos” em quase todos. Os casos que consideraram não ter algum amigo ($n = 7$), a justificação mais comum foi “porque ele não brinca comigo”, ou seja, mais uma vez constatamos que para as crianças ser amigo está completamente ligado à brincadeira e aos momentos que passam com as outras crianças, o que mais uma vez vai ao encontro do que é defendido na literatura científica sobre a amizade na primeira infância crianças (Fabes et al., 2003; Howes, 1988; Martin & Fabes, 2001; Whaley & Rubenstein, 1994).

Conclusões e reflexões finais

O presente relatório de investigação apresentado permitiu aprofundar os conhecimentos acerca da amizade em crianças em idade pré-escolar. A partir da escolha do tema para a realização deste estudo desenvolvemos algumas questões orientadoras para todo o processo de investigação. A partir do estudo efetuado foi possível dar resposta às questões e objetivos definidos no início desta investigação, utilizando uma pesquisa aprofundada e reflexões relativamente ao conceito de amizade.

Este estudo foi realizado com o grupo onde foi desenvolvida a prática de ensino supervisionada, uma etapa fundamental do término deste mestrado. Embora tenham existido vários entraves e constrangimentos advindos do carácter não presencial das atividades, durante o tempo de suspensão das atividades letivas, devido à situação de pandemia pelo Covid-19, os dados apresentados foram os mais diretos possível, através de notas de campo, observações diretas, questionários e encontros via *online*.

De facto, tendo em consideração a situação pandémica que o nosso país atravessava, encontrámos alguns entraves no início do desenvolvimento deste projeto ao nível da interação em contexto sala, contudo, e após várias reflexões sobre as alternativas para o desenvolvimento deste projeto optámos por realizá-lo através de questionários às crianças com o auxílio e colaboração das famílias. Atendendo a que no decorrer desta investigação nos encontrávamos em quarentena, nem sempre foi fácil conseguir o apoio e a interação desejada por parte das famílias; ainda assim, com vários esforços e dedicação conseguimos um número de respostas bastante significativas.

Neste sentido, realizámos um questionário como instrumento de recolha das opiniões e conceções de cada criança âmbito da amizade. Foi a partir deste breve questionário que obtivemos as respostas às nossas questões orientadoras.

Nesta fase final, no que diz respeito às questões orientadoras deste estudo, nomeadamente “As crianças em idade pré-escolar sabem o que é a amizade?”, estamos em condições de afirmar que no nosso grupo amostral, estas crianças já têm noções muito desenvolvidas do que é a amizade; constatamos isto a partir das respostas aos questionários. As respostas mais comuns foram que *ser amigo é brincar* o que vai ao encontro do que muitos investigadores por nós referenciados anteriormente, entre os quais se pode assinalar Cordeiro (2012) que afirmam, ou seja, que as crianças a partir dos seus três anos de idade já possuem um conceito de amizade.

Respondendo à outra grande questão orientadora deste estudo “As crianças selecionam os seus amigos tendo em consideração as amizades do jardim-de-infância?” podemos afirmar que este grupo escolheu como amigos, aqueles com quem convive mais tempo, ou seja pela proximidade, isto que dizer que, as crianças definiram como seus amigos aqueles com quem convivem no jardim de infância, estando em consonância com o que é defendido na literatura científica da área como foi anteriormente explicitado. Para além disto, deparámo-nos também com respostas muito seletivas no que diz respeito à quantidade de amigos que cada criança definiu como amigos próximos, ou seja, a maioria definiu como amigo especial (questão nº 3) apenas um ou dois colegas da sala. Com isto podemos constatar que estas crianças são mais seletivas nas escolhas dos seus amigos, contudo, não revelaram reciprocidade nas amizades o que pode indicar que é um grupo bastante sociável entre eles, estando em concordância com o apresentado na literatura.

Tal como referido anteriormente, Shaffer (2005) defende que existem estágios no que diz respeito à amizade. Tendo este dado em consideração, podemos afirmar que os sujeitos deste estudo se encontram maioritariamente no nível 1 do desenvolvimento, algo que nos surpreendeu uma vez que as idades compreendidas neste grupo não correspondem às idades relativas a este nível de desenvolvimento. Afirmamos que este grupo se encontra no nível 1, denominado de assistência unidirecional, uma vez que estas crianças já são capazes de considerar outra como sua amiga. Estes amigos são escolhidos tendo em consideração algo que elas gostam de fazer, em contrapartida sempre que uma criança não corresponda aos interesses da mesma esta pode tornar-se um “não amigo”, comprovado na questão nº 5 em que a maioria das respostas ao *não amigo* era porque não brincavam com ele.

Face ao desenvolvimento deste estudo, em suma podemos concluir que este é um grupo bastante social, com uma adequada compreensão do conceito de que a amizade é criada por base nas relações sociais, tal como refere Ferreira (2004) muitas das interações sociais se desenvolvem no decorrer do ato de brincar. Para concluir, é importante reforçar que o/ a educador/a e a família são, sem dúvida, os pilares para o desenvolvimento da criança, devendo sempre constituírem-se como um exemplo para estas. Consubstanciando o que salientámos ao longo da discussão, é importante que o/a educador/a fique atento às necessidades do seu grupo e que seja sempre um parceiro das famílias para que exista harmonia no desenvolvimento do seu grupo, ou seja, deve sempre

adaptar a sua ação educativa de acordo com o bem-estar das crianças. Para terminar, um/a educador/a deve ser, para além de educadores, amigos das crianças.

Com a realização deste projeto, pode concluir-se que as interações entre crianças são extremamente importantes para o seu adequado desenvolvimento, uma vez que é através delas que as crianças se desenvolvem a nível social, pessoal, afetivo e emocional, sendo as interações entre crianças iniciadas desde os primeiros meses de vida. Desta forma, o educador de infância tem um importante papel em proporcionar momentos em que as crianças interajam, partilhem, cooperem, e consigam lidar com a diferença e a diversidade, respeitando as características de cada um. As interações entre crianças estão presentes em todos os momentos da rotina diária de um jardim de infância devendo o educador potenciar estas interações, valorizando-as e permitindo que as crianças beneficiem delas e as explorem, desenvolvendo capacidades e competências sociais.

Como sugestões advindas da realização desta investigação é nosso entender que os pais, os educadores e os políticos devem aliar esforços no sentido de estruturarem práticas educativas que ajudem a promover nas crianças desde a sua idade mais precoce a organização das suas interações com os pares para maximizar os benefícios da socialização. Este aspeto é particularmente significativo nas interações com pares do género oposto, atendendo a que as crianças necessitam de apoio para a compreensão das diferenças de género e para se sentirem confortáveis com pares do género oposto. Assim, devem ser criadas oportunidades para que as crianças brinquem de forma positiva em diversos contextos, em grupos heterogéneos com meninos e com meninas, estabelecendo relações de amizade entre elas e aprendendo a socializar. Um ambiente segurizador pode ajudar ainda a que estas possam aprender sobre as similaridades e diferenças entre os géneros e para o desenvolvimento de habilidades sociais.

Nesta etapa final, não se pode deixar de assinalar que esta investigação se deve não só à investigadora, como também e fundamentalmente às crianças, educadora e famílias. Para concluir e estabelecendo uma relação com o tema da pesquisa é ainda importante referir que o seu desenvolvimento e concretização não teria sido possível sem a empatia e cuidado de todos com a estagiária desta sala. Portanto, esta pesquisa foi uma aprendizagem também para comprovar que mesmo com distância, se houver empatia e respeito pelo outro, tudo se consegue, basta ser amigo.

Como limitações podemos referenciar a situação pandémica que vivenciámos e que limitou a exploração mais direta com todo o grupo. Teria sido ainda importante que

a exploração das temáticas tivesse sido presencial, permitindo uma observação mais direta dos comportamentos das crianças em contexto. Outro fator que pode ter influenciado os nossos resultados, constituindo-se uma limitação tem a ver com a desejabilidade social, uma vez que as crianças podem ter respondido de forma a agradar ao adulto que os estava a inquirir.

Outra limitação do presente estudo tem a ver com o número reduzido de participantes; assinala-se que das vinte e três crianças que compõem este grupo apenas dezassete participaram. De referenciar ainda que o grupo amostral que faz parte desta investigação na sua maioria apresenta três anos de idade, à exceção de três sujeitos que têm quatro anos.

Estudos futuros devem ter em atenção uma amostra mais abrangente. Importante ainda, que estudos futuros possam apresentar uma amostra com grupos de faixas etárias mais diversas, além de que devem cobrir diferentes áreas geográficas. Importante ainda que estudos futuros possam desenhar programas e estratégias que possam ser aplicados em salas de jardim de infância de forma a potenciar o desenvolvimento das relações de amizade entre as crianças.

Referências Bibliográficas

- Arezes, M. & Colaço, S (2014). *A interação e cooperação entre pares: Uma Prática em Contexto de Creche*. [Tese de Mestrado, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém]. Repositório do Instituto Politécnico de Santarém. <https://doi.org/10.25755/int.4027>
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Borges, M. P. (2007). Professores: *Imagens e auto-imagens - Capítulo II: Identidade pessoal, social e profissional*. [Tese de doutoramento, Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/1700/7/5599>
- Bras, T., & Reis, C. (2012). As aptidões sociais das crianças em idade pré-escolar. *Journal for Educators, Teachers and Trainers*, 3, 135 – 1438. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4264630>
- Cordeiro, M. (2012). *O Livro da Criança do 1 aos 5 anos*. (6.^aed.), Esfera dos livros.
- Couto, A. F. (2018). *A relação entre pares numa sala de jardim de infância*. [Tese de Mestrado, Escola Superior de Educação de Lisboa, Instituto Politécnico de Lisboa]. Repositório do Instituto Politécnico de Lisboa. <https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/9427/1>
- Dionísio, C. (2019). *Mestrados em Educação Pré-Escolar*. in Diapositivos no âmbito da unidade curricular da disciplina de Metodologias de Investigação em Educação. Universidade do Algarve.
- Fabes, R., & Martin, C. L. (2001). *Exploring development through childhood*. Boston, MA: Allyn & Bacon.
- Fabes, R., & Martin, C. L. (2001). The stability and consequences of young children's same-sex peer interactions. *Developmental Psychology*, 37, 431-446. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.37.3.431>
- Fabes, R. A., Martin, C. L., & Hanish, L. D. (2003). Young children's play qualities in same-, other-, and mixed-sex peer groups. *Child Development*, 74(3), 921-932. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00576>
- Fachada, M. (1998). *Psicologia das relações interpessoais*. 1-2, Edições Rumo.
- Ferreira, M. (2004). *A gente gosta é de brincar com os outros meninos!*. *Relações sociais entre crianças num Jardim de Infância*. Edições Afrontamento.

-
- Fortin, M.-F. (1999). *O Processo de Investigação: Da concepção à realização*. Lusociência.
- Garcia, A. & Pereira, P. (2008). A Amizade na infância: um estudo empírico. *Psicologia, Revista de Psicologia da Vetor Editora*: São Paulo, 9(1), 25-34. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142008000100004&lng=pt&tlng=pt
- Garcia, A. & Pereira, P. (2008). A Amizade na infância: um estudo empírico. *Psicologia, Revista de Psicologia da Vetor Editora*: São Paulo, 9(1), 25-34.
- Garcia, A. (2005). *Psicologia da amizade na infância: uma introdução*. Vitória.
- Garcia, A., & Pereira, P. C. (2008). *Amizade na infância: um estudo empírico*. [Universidade Federal do Espírito Santo. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142008000100004&lng=pt&tlng=pt
- Howes, C. (1983). Patterns of friendship. *Child Development*, 54, 1041-1053 <https://doi.org/10.2307/1129908>
- Howes, C. (1988). Peer interaction of young children. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 53, 1-88, <https://doi.org/10.2307/1166062>
- Lakatos, E. M., & Marconi, M. A. (2007). *Fundamentos da metodologia científica*. 7.^a ed., Atlas Editora.
- Lopes, L. (2007). *Análise das Amizades entre Pré-escolares*. [Tese de Doutorado, Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento na Universidade Federal do Pará]. <http://ppgtpc.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/teses/LeneLopes2007.pdf>
- M. J., Nogueira, C., Vieira, C., Uva, M., & Tavares, T. C. (coord.)(2015). *Guião de Educação: Género e cidadania Pré-Escolar*. Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género: https://www.cig.gov.pt/wpcontent/uploads/2015/10/398_15_Guiao_Pre_escolar.pdf
- Moreira, P. (2009). *Emoções e Sentimentos Ilustrados. Para trabalhar com crianças entre 4 e os 10 anos*. Porto Editora.
- Northway, M. & Weld, L. (1999). *Testes Sociométricos*. Livros Horizonte.
- Nunes, M. F. (2017). *Refletindo sobre as interações entre pares nos momentos de brincadeira livre em contexto Jardim de Infância*. [Tese de Mestrado, Escola Superior e Educação e Ciências Sociais, Instituto Politécnico de Leiria]. IcoOnline Instituto Politécnico de Leiria. <https://iconline.ipleiria.pt/handle/10400.8/3018>
- Oliveira, C. (1999). *Os jovens e os seus pares: estudo sociométrico e psicopatológico de uma população escolar*. [Tese de doutoramento, Faculdade de Medicina da

Universidade de Coimbra]. Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida <http://hdl.handle.net/10400.12/1652>

Post, J. & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários – Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Ricardo, L. & Rossetti, C. (2011). O conceito de amizade na infância: uma investigação utilizando o método clínico. *Periódicos Eletrónicos em Psicologia*, 19(19). <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v19n19/07.pdf>

Rodrigues, J. C. (2015). *As relações interpessoais entre crianças em contexto de Creche e de Jardim de Infância*. [Tese de Mestrado, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal]. <http://hdl.handle.net/10400.26/10606>

Rosa, A. (2014). *Interações sociais em creche e jardim-de-infância*. [Tese de Mestrado, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal]. Repositório Comum <http://hdl.handle.net/10400.26/7776>

Rubin, Z. (1982). *As Amizades das Crianças*. Publicações Dom Quixote.

Serrano, G. (2004). *Investigación cualitativa. Retos e interrogantes – I. Métodos*. Ed. La Muralla.

Shaffer, D. (2005). Desenvolvimento do self e cognição social. In Shaffer, D., *Psicologia do Desenvolvimento*. (pp.417- 449). Thomson.

Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Ministério da Educação.

Sousa, M. & Baptista, C. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatório Segundo Bolonha*. Pactor. (3.ªed.).

Vandell, D. L., & Mueller, E. C. (1980). Peer play and friendships during the first two years. In H. C. Foot, A. J. Chapman, & J. R. Smith (Eds.), *Friendships and social relations in children* (pp. 181-208). New York: Wiley.

Vaughn, B. E., Azria, M. R., Krzysik, L., Caya, L. R., Bost, K. K., Newell, W., & Kazura, K. L. (2000). Friendship and social competence in a sample of preschool children attending Head Start. *Developmental Psychology*, 36, 326-338. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.36.3.326>

Whaley, K. L., & Rubenstein, T. S. (1994). How toddlers "do" friendship: A descriptive analysis of naturally occurring friendships in a group child care setting. *Journal of Social and Personal Relationships*, 11, 383-400. <https://doi.org/10.1177/0265407594113005>

Apêndices

Apêndice A- Estrutura do questionário

Criança: _____

Idade: _____

Data: ___/___/___

Questionário

1. Sabes o que é a amizade?

2. O que é para ti ser amigo/a?

3. Tens algum amigo/a especial?

4. Quem são os teus amigos/as? São do Jardim de Infância ou de fora?

5. Tens alguém que não seja teu amigo/a? Porquê?

Apêndice B- Consentimento Informado aos Encarregados de Educação

Consentimento informado

Caros Encarregados de Educação,

O meu nome é Bárbara Oliveira Santos e estou a desenvolver uma investigação que decorre no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar, do mestrado em Educação Pré-Escolar da Universidade do Algarve e tem como objetivo estudar como são as relações de amizade entre crianças de idade pré-escolar.

A realização da investigação será feita no jardim de infância que o(a) seu (sua) filho(a)/educando(a) frequenta, pelo que vimos por este meio solicitar a autorização para que este(a) possa participar na resposta de um breve questionário que contém perguntas relacionadas com o seu grupo de amigos.

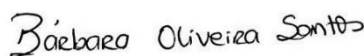
A pesquisa de como se desenvolvem as relações entre as crianças e, nomeadamente no meu grupo de intervenção de estágio, contribuirá para um melhor conhecimento do grupo, das suas relações, expetativas e necessidades, sendo que será ainda uma mais-valia para se poder trabalhar com as crianças e fomentar relações adequadas que possibilitem o seu desenvolvimento sócio emocional.

Informamos que não será divulgada nenhuma identificação dos participantes no questionário, sendo todos os dados recolhidos e tratados de forma confidencial, destinando-se apenas para fins académicos.

Agradece-se a V/ melhor atenção que possam dar a este assunto.

Ao dispor para qualquer esclarecimento adicional que considerem pertinente.

Com melhores cumprimentos,



(Bárbara Santos)

Maria Helena
Venâncio Martins

Digitally signed by Maria
Helena Venâncio Martins
Date: 2021.02.26 15:18:01
Z

(Prof. Dr. Maria Helena Martins – Orientadora da investigação)

Nota: Face à incapacidade de fazer chegar este consentimento, em mão, aos encarregados de educação, pede-se que respondam através de comentário nesta publicação, na plataforma CHILDDiary, utilizado pela instituição.

21/01/2021



Apêndice C - Grelhas de análise com as respostas das crianças

Respostas aos questionários

Questão 1: Sabes o que é a amizade?

- Sem resposta (M01)
- “Fazer coisas” (E01)
- “ Uma boneca” (M02)
- “É o amigo E01” (K01)
- Não sabia (A01)
- “Dormir com o pai” (D01)
- “Brincar com a boneca e com a mãe” (F01)
- “São os anos” (M03)
- Não respondeu (S01)
- “ É a escola” (J01)
- “ Não conheço” (T01)
- “ É estar com os amigos na escola” (C01)
- “ É brincar” (G01)
- “É uma Travessa de doces” (M05)
- “ É o amor! ... dar abraços... dar beijinhos...“ brincar...” (M04)
- “ É brincar e dar abraços” (F02)
- “ É a avó” (S02)

Questão 2: O que é para ti ser amigo/a?

- Sem resposta (M01)
- “Pai e a mãe” (E01)
- “Não sei” (M02)

-
- “Brincar com legos” (K01)
 - “Brincar” (A01)
 - “É o papá” (D01)
 - “A mãe” (F01)
 - “Amiga M06” (M03)
 - “São os amigos” (S01)
 - “É brincar” (J01)
 - “É partilhar os copos” (T01)
 - “ Partilhas e muita brincadeira” (C01)
 - “ Os amigos não batem e dão abraços” (G01)
 - “ É brincar, andar de escorrega, brincar na casinha” (M05)
 - “Brincar” (M04)
 - “ É brincar e dar abraços” (F02)
 - “ Gostar de um menino ou menina” (S02)

Questão 3: Tens algum amigo/a especial?

- “A01, G02 e M04” (M01)
- “ A mãe” (E01)
- “ Não tenho” (M02)
- “S01, T01” (K01)
- “E01” (A01)
- “ O papá” (D01)
- “M07” (F01)
- “Não sei” (M03)
- “T02” (S01)
- “ A mãe” (J01)

-
- “ S01” (T01)
 - “ Chase, o meu coelho” (C01)
 - “ Sim, o G02 e F02” (G01)
 - “O G01” (M05)
 - “ O amigo especial é o H01, porque a Sara diz que é um menino especial” (M04)
 - “ É o G01. O G01 é só meu” (F02)
 - “O pai” (S02)

Questão 4: Quem são os teus amigos/as? São do JI ou de fora?

- “A educadora, da sala” (M01)
- “Do jardim-de-infância” (E01)
- “ A M04” (M02)
- “A01” (K01)
- “Da escola” (A01)
- “ Da escola” (D01)
- “Da escola” (F01)
- “Fora da escola” (M03)
- “São da escola” (S01)
- “ São da escola” (J01)
- “ Da escola” (T01)
- “ M04, G02, G01 , M05 , M03 e o filho da amiga da mãe! São todos do jardim-de-infância menos o filho da amiga da minha mãe.” (C01)
- “ Todos! São os meninos da minha sala” (G01)
- “ Do F02, a prima e o primo” (M05)
- “ O D01, a M06, a S02, o M05, a M03, a J01, ... são todos amigos! Amanhã voltam todos à escola” (M04)

-“Da escola” (F02)

-“Todos da escola” (S02)

Questão 5: Tens alguém que não seja teu amigo/a? Porquê?

- “São todos amigos” (M01)

- “A M07, porque não quer brincar comigo” (E01)

- “ A M04” (M02)

- “A F01” (K01)

- “K01, não brinca” (A01)

- “ São todos meus amigos” (D01)

-“Todos são amigos” (F01)

-“o E01, ele não quer ser amigo” (M03)

- “São todos amigos” (S01)

-“ São todos amigos” (J01)

-“ O T02, porque ele só gosta do S01” (T01)

-“ São todos amigos” (C01)

-“ São todos amigos mas, quando dão chapadas não são!” (G01)

-“ O S01, porque ele fez me mal, mas depois ficou feliz comigo e contente” (M05)

-“ O H01. Porque ele só quer brincar com a panela, grita, faz barulho, não quer brincar...” (M04)

-“ São todos meus amigos, mas o G01 é meu.” (F02)

-“São todos amigos” (S02)